



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel
www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br
www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

FOI ELEITO QUEM JÁ ERA

Marcos Roberto Inhauser

Os cristãos mais progressistas da América Latina, notadamente os que se alinham à Teologia da Libertação, às comunidades Eclesiais de Base dos anos 70 e 80 e ao movimento ecumênico provavelmente não estão lá de todo satisfeitos com a eleição do Cardeal alemão Ratzinger como o novo papa da Igreja Católica. Creio até que este mesmo sentimento está presente em todos os que esperavam um papa um pouco mais alinhado com os novos tempos, com as descobertas da ciência, com as grandes questões sociais, éticas e políticas deste início de século XXI.

Não há como esquecer que o Cardeal Ratzinger foi a eminência parda por trás do pontificado de João Paulo II, quem, como ideólogo influente dentro da estrutura de poder do Vaticano, colocou muitas das cores que marcaram o último pontificado. Com muita certeza, saiu dele a orientação para uma maior centralização do poder em Roma, retirando dos cardeais e bispos certos espaços de poder, quem determinou uma linha teológica bastante conservadora, quem foi o ideólogo para o desmonte da Teologia da Libertação, quem esteve por trás das disciplinas de Leonardo Boff, Hans Kung e outros que ousaram levantar uma voz destoante da afinação decretada pelo Vaticano.

A Igreja Católica passa por alguns problemas bastante sérios tais como a perda de fiéis, seja pelo avanço do mundo muçulmano ou das variantes pentecostais e neopentecostais de igrejas que pipocam por toda a parte, ou os escândalos sexuais de mais de setecentos padres acusados de pedofilia somente nos Estados Unidos, ou a crise econômica (ainda que pouco transparentes sejam as contas do Vaticano, sabe-se que as contribuições têm diminuído e não fazem frente aos gastos). E no pontificado anterior estas questões se agudizaram e não se conseguiu abordá-las satisfatoriamente. A pergunta que fica é se um pouco mais do mesmo resolverá.

Na onda das especulações que foram feitas antes da eleição, mencionava-se a possibilidade de se optar por um papa do chamado Terceiro Mundo ou mundo em desenvolvimento, que poderia ser um brasileiro para alavancar o catolicismo no país mais católico do mundo, ou um africano ou asiático, etc. A opção foi pelo conservadorismo, pela continuidade.

Seria ingenuidade pensar que alguém que teve boa parte do controle do Vaticano em suas mãos, não tivesse montado seu esquema e seus apoios para sair-se eleito. Os mais crédulos perguntarão: e como fica a ação do Espírito se tudo indica que houve política na eleição? A resposta é difícil. Para mim e, creio, para muitos, fica a sensação de frustração, especialmente entre os evangélicos que acreditamos no movimento ecumênico e que nisto investimos tempo e dedicamos parte de nossas vidas.

Tenho para comigo que o movimento ecumênico, ao menos em seu nível mais formal e conciliar sofrerá um retrocesso. Aprendi que uma coisa é a Igreja Católica, outra coisa são os católicos. Ainda resta uma esperança.

Esleu-se quem já era. Deu-se o previsível. Se o Espírito de Deus é como o vento, sopra e não se sabe de onde vem nem para onde vai, esta eleição não apresentou este elemento de imprevisibilidade do Espírito.